

então» vem á tela 33), são senões sempre presos intimamente a uma primeira producção de folego. Mas tudo isto desvanecese aos fulgores das bellezas derramadas no livro.

E de mais a sua fabulação é bem tecida, amorosamente bem enredada e o livro é brasileiro, do nosso torrão, rescende aos aromas da terra cearense, é cearense, bem cearense.

Papi não vòa sem rumo. Sua imaginação não abre as azas sem direcção, não faz volteios de andorinha, se concentra nos muros do estudo dos temperamentos, do exame dos caracteres. Pode errar e erra, mas fora de seus intuitos, escravisada a boas vistas. E' viva, mas bem governada, vae sempre direito a seu fito, não explora a sensação pelo imprevisto. Photographa meios e situações —que depara em a sua caminhada do artista de talento.

PEDRO DE QUEIROZ.

MARIA RITTA — Episodios do Ceará Colonial — romance de Rodolpho Theophilo — Bibliotheca da «Padaria Espiritual» — Cunha Ferro & C.^a — editores — Fortaleza, 1897.

São tão raras as verdadeiras vocações para o romance no meio litterario brasileiro, que Rodolpho Theophilo não pôde deixar de ser chamado um romancista. As suas obras, porem, ricas pelo enredo quasi todas, teem por característica o descuido da linguagem, a despreocupação do estylo e muita inverosimilhança na observação e analyse.

O «*Maria Ritta*» (porque não *Maria Rita*?) é, talvez, o que mais accentuadamente vem mostrar os dons de imaginação do fecundo escriptor cearense, e ao mesmo tempo o abuso desses dons, que muitas vezes toçao ao ridiculo.

Rodolpho não compenetra-se do verdadeiro papel do romancista, que é observação exacta, analyse sem exaggeros, simplicidade do entrecto, tudo como a resul-

tante de uma epocha, que no romance deve ficar estudada e perpetuada. O *Maria Ritta* está fóra dos moldes do romance de analyse, é destituído de todos os requisitos proprios do romance actual que é a psychologia das sociedades; e, se bem tenha pretensões a estudar «episodios do Ceará Colonial», não prima por este lado, pois a falta de côr local, de contemporaneidade de factos e individuos desfiguram a cada passo o intuito do operoso escriptor.

É mais uma novella, que attrahe o leitor pela concatenação das scenas, que um perfeito romance.

Eis em traços geraes o enredo do livro.

José Maria, portuguez, rude e aventureiro, domiciliado nos sertões do Ceará, tinha uma filha—*Maria Ritta*—a heroína da obra em questão. Certo dia Joaquim de Queiroz, moço sertanejo, mestiço e ardente, apaixonado pela filha de José Maria, raptou-a, occorrendo peripecias mil, em cuja narração o romancista ora captiva pela imaginação, ora toca ao irrisorio pela inverosimilhança. José Maria, vindo ao Forte e captando as sympathias do então Governador Rubim por meio de valiosos presentes, conseguiu a prisão do raptor de sua filha, ficando esta, depois de varios incidentes, a vagar pelas mattas.

Por esse tempo appareceu por aquellas paragens outro portuguez, Prazeres, bronco e desbriado, possuidor de um roteiro de minas. José Maria descobre no patricio um genro digno do segro, e força *Maria Ritta* a desposar Prazeres, o que realisa-se pela venalidade do padre Balthões, tambem portuguez; a moça, porem, não submette-se ao regimen dessa communhão conjugal, reagindo contra o forçado marido e fugindo, em fim, para levar por algum tempo uma vida nomada pelos campos.

O pai de Queiroz, sertanejo abastado, dirige-se para o Forte, e por astuciosa peita, consegue do juiz, outro portuguez, a liberdade do filho. Termina o romance pelo casamento de Queiroz com *Maria Ritta*, feito, porem, perante Deus e a natureza, com a sagração unica do amor.

São estes os traços geraes, occorrendo typos e factos secundarios, dentre os quaes poderemos destacar a des-

humana tia de Maria Rita, que, sobre tratá-la a pontapé, quer forçá-la, com o concurso de criadas, á consummação dos desejos bestiaes de Prazeres.

O modo por que Rodolpho pinta os individuos deixa transparecer o intuito de ferir o character do portuguez do Brazil colonial d'aquelle tempo, que não cremos fosse em regra geral sevandijado.

Sem a preocupação mesmo de analysta exigente, quem quer que tenha de se externar sobre a obra de Rodolpho Theophilo não póde deixar de lamentar a falta de estylo, o absurdo na concepção, a auzencia do intuito que tem o escriptor de merito na elaboração de um trabalho atravéz de cuja contextura de enredo deve gravar uma epocha ou a vida social de um povo. Rodolpho tem, a nosso ver, um requisito digno de encomios: é ser operoso, incansavel, não faltando-lhe habilidades para crear typos e situações, que, quando desataviados de exaggeros, nos prendem agradavelmente.

O «Maria Rita», tem defeitos imperdoaveis; e d'entre muitos apontaremos indistinctamente os mais palpaveis.

O primeiro capitulo nenhuma ligação tem com o enredo, e começa dando como séde do governo do Capitão de mar e guerra Rubim a Fortaleza já *cidade*, quando Rubim foi deposto em Novembro de 1821 e a Carta Imperial elevando a villa de Fortaleza á cathegoria de cidade é de Março de 1823, como se poderá ler nos livros e compendios desde os mais elementares até os de maior follego, as Datas e Factos do nosso collega da Academia, Dr. Studart, por exemplo.

E' uma descripção, aliás bem feita, commovedora, de uma occurrencia que teve lugar depois da Independencia e da qual nenhuma responsabilidade cabe quer ao governo da metropole quer ao seu representante na Colonia. Aquelle pombal—emigração das aves de arribação—é um sonho de um phantasista doentio. Queiroz, sertanejo em 1821, embora educado por um frade, como diz o auctor, não podia discretear em divagações philosophicas, tanto mais quando tratava com individuos estupidos. ● heroe do romance, vaqueiro encourada consulta

ao relógio para ver que horas são! Isto dá perfeita ideia das extravagancias do romance.

O dialogo entre vaqueiros parece uma polemica de sabios.

A lucta de Maria Rita com a onça no galho de uma arvore; a vestimenta improvisada pela moça com pennas de ema, a variedade de conhecimentos de Queiroz sobre diversos ramos de litteratura e sciencia, são prova de que o escriptor não se domina quando absorvido na preocupação de escrever. Ha no romance um boi «Estrella» bravio e furioso em que os vaqueiros pozeram uma mascara de couro, e, entretanto, diz o escriptor: «) «Estrella» continuava enfesado, mas não se mexia. *Os olhos pretos faiscavam n'uma esclerotica de sangue.*» Era preciso que a mascara fosse de vidro para se observar tal phenomeno.

A' pagina 189 Rodolpho não é romancista, occupa a cadeira de lente do Lyceu. Aquellas fumigações da Vicencia offendem á decencia e ao bom-senso.

O systema metrico em 1821 é originalissima invenção para o leitor ingenuo, que o suppunha adoptado no Brazil ha pouco mais de 20 annos.

Admire-se esta curiosa lembrança de uma moça bella e ciosa de seus encantos: «A moça vendo que não tornava de um d'aquelles cochillos, lembra-se de despir os olhos e contente da lembrança revira as palpebras, expondo assim as conjunctivas.»

Adiante, pagina 187, a moça leva a mão ao quadril ameaçando puchar o punhal! Que especie de vestimenta uzava essa creatura?

O final da pagina 306 é uma injuria á moral mais tolerante das escabrosidades realistas.

Ficção apontadas de relance as faltas que n'uma leitura rapida podemos observar. Ha tambem senões de grammatiquice e lexiologia e impropriedades de phrase: «crepitar monotono das espumas»; «●nixis» plural de onix; «capuchos» em logar de capulhos; «na ascendencia de ambos *haviam* troncos communs»; «falta *em si* a mocidade, senhor ●queiroz», em vez de falta em vossê,

etc.; «quasi estrangulou-a as garras de Vicencia» (desconcordancia); coculo por cogulo, aves com labios etc.

Em todo o caso não se póde acoimar de máo, na accepção absoluta, o livro do estimavel conterraneo; ha nelle capitulos captivantes pelo enredo, o leitor familiarisa-se com a maior parte dos seus typos, odiando-os ou votando-lhes sympathias tal é a vocação de Rodolpho Theophilo para o genero dos romances populares.

Manejasse elle a lingua vernacula com mais cuidado, domasse o pensamento na descripção dos scenarios, dos factos, e seriamos nós os primeiros a laurear-lhe a frente.

RODRIGUES EE CARVALHO.

VERSOS DE HONTEM—Pedro Muniz—1896—Centro Litterario.

O inditoso auctor desse opusculo de versos era um dos fortes combatentes das lettras Cearenses. Fascinou-o a miragem das riquezas da Amazonia, e bem cedo foi arrebatado pela morte.

Estas palavras devem preceder ao nosso juizo critico, porque tratando-se de um moço de talento, com vocação poetica, serião as nossas palavras em outro tom, serião palavras de estinulo, se existisse ainda o auctor do livrinho em questão; em quanto que, com o seu fallecimento, só podemos render um preito á sua memoria de litterato esperançoso e trabalhador.

O livro de Pedro Moniz tem defeitos propios de uma estreia, mas tem sentimento, abundancia de rimas e algum esmero de forma.

O soneto «Maria» é sufficiente por attestar o estro poetico de seu auctor.

RODRIGUES DE CARVALHO.

MYRTOS—Themistocles Machado—Centro Litterario—1897.

Trata-se ainda de um livro de versos e de um poeta Cearense.